



David Crystal e Michael McCarthy

Flávia Azeredo-Cerqueira e Patrícia Pereira Bértoli entrevistam os autores e pesquisadores David Crystal e Michael McCarthy

Flávia Azeredo-Cerqueira e Patrícia Pereira Bértoli interview the authors and researchers David Crystal and Michael McCarthy

A pandemia provocada pela disseminação do novo coronavírus e as consequências da doença por ele causada provocou um impacto surpreendente na maneira que vivemos e, consequentemente na forma como nos comunicamos. Refletindo sobre o impacto linguístico no ensino de inglês, especialmente como língua adicional, decidimos entrevistar dois dos mais conceituados pesquisadores e produtores de material de ensino de inglês ao redor do mundo. As entrevistas foram feitas de maneira individual e separadas, não apenas por termos que respeitar as distâncias geográficas entre entrevistados e entrevistadoras, mas também porque foram realizadas durante o período de distanciamento social mundial, dessa forma, as perguntas nem sempre foram exatamente as mesmas.

O professor David Crystal é escritor, editor e apresentador de TV. Ele é especialista em estudos dedicados à língua inglesa. Já publicou mais de 100 livros e se tornou conhecido por seus trabalhos concentrados em aspectos relacionados a fonética e a fonologia da língua inglesa, como a entoação e estilística e, também, na aplicação da linguística no âmbito religioso, educacional e clínico, destacando-se no desenvolvimento de diversas técnicas de “*linguistic profiling*” para diagnóstico e terapia. David Crystal foi professor na University of Reading, Berkshire, na Inglaterra, por mais de 10 anos e atualmente é Professor Honorário de linguística na University of Bangor, Bangor, País de Gales. Suas obras são principalmente na área de língua, incluindo vários livros da editora *Penguin*, porém, David Crystal é talvez mais conhecido por suas duas enciclopédias para a *Cambridge University Press*, *The Cambridge Encyclopedia of Language* e *The Cambridge Encyclopedia of the English Language* (3ª ed. 2018).

Michael McCarthy é Professor Emérito de Linguística Aplicada na School of English, University of Nottingham, Reino Unido está envolvido no estudo e ensino da língua inglesa há mais de 50 anos. Já lecionou no Reino Unido, Holanda, Espanha, Suécia e Malásia: foi professor visitante na University of Limerick, na Irlanda; na Newcastle University, no Reino Unido, e na *Penn State University*, nos EUA e é Professor Honorário na Universidade de Valência, na Espanha. Nos últimos 30 anos, ele trabalhou com corpora computadorizado de textos em língua inglesa, investigando-os para estabelecer como o vocabulário e a gramática da língua inglesa são realmente



usados e como estão evoluindo e mudando. Sua pesquisa tem se concentrado na língua inglesa falada no dia a dia. Professor McCarthy é autor de 56 livros e 116 trabalhos acadêmicos que tratam de pesquisa e ensino da língua inglesa, especialmente como segunda língua ou língua estrangeira. Ele é membro da *Royal Society of Arts*.

REVISTA MATRAGA: Do seu ponto de vista, ainda há questões sem resposta na grande área da linguística? Em caso afirmativo, em um sentido amplo, quais são algumas dessas questões? Quais áreas devemos nos concentrar agora?

DAVID CRYSTAL: There will always be unanswered questions, for one simple reason: languages change. Whatever a language was like yesterday, it is different today, and will be different again tomorrow. In the case of English, the amount of change has been especially noticeable because of its global presence. Few of the ‘new Englishes’ around the world have been studied with the same degree of detail as has been the case with British and American English. And even within these last two domains things have changed as a result of the Internet. Whatever the rules were in relation to traditional (offline) speech and writing, they need to be re-examined to see if they apply equally to online settings – which leads to your second question.

TRAD.: Sempre haverá perguntas sem respostas, por uma razão simples: as línguas mudam. Qualquer que tenha sido a língua de ontem, é diferente da língua de hoje e será diferente da de amanhã. No caso da língua inglesa, a quantidade de mudanças é especialmente perceptível por causa de sua presença global. Poucos dos ‘novos ingleses’ em todo o mundo já foram tão estudados com o mesmo grau de detalhe como é o caso do inglês britânico e americano. E mesmo dentro desses dois últimos domínios, as coisas mudaram com a chegada da *Internet*. Quaisquer que sejam as regras em relação à fala e à escrita tradicionais (*off-line*), elas precisam ser reexaminadas para entender se se aplicam igualmente às configurações *on-line* – o que leva à sua segunda pergunta.

MICHAEL MCCARTHY: One of the big questions is how we choose appropriate models for the teaching of languages. English is a good example. We now have the ability to analyse and describe multiple varieties of the spoken language from around the world, and yet modelling is still dominated by conventional written standards, especially in the case of grammar. As the world changes, and as speaking (or quasi-speaking, as in the case of social media and text-messaging) becomes more dominant as the medium of global communication, we need to sharpen our act in incorporating what we know about spoken varieties of the language.

Another big question, as far as I am concerned, is: How do applied linguistics reach out beyond the echo-chambers of universities and research clusters to communicate with ordinary, non-specialist members of the public? Language plays a significant role in everyone’s daily life and yet much of what applied linguists say gets no further than the journals, books, conferences and networks which are mutually supporting and reinforcing, running the risk of group-think and a divorce from ordinary people. For example, in questions of grammar, most people want



the reassurance and security of prescription, because that is their concept of success in grammar – knowing and observing ‘the rules’. Yet, in general, applied linguists have ditched prescription in favour of description. We need better ways of getting the descriptive message across without alienating the ordinary stakeholders.

TRAD.: Uma das grandes questões é como escolhemos os modelos adequados para o ensino de línguas. A língua inglesa é um bom exemplo. Agora temos a capacidade de analisar e descrever múltiplas variedades de uma mesma língua falada ao redor do mundo, ainda assim o modelo ainda é dominado por padrões convencionais de escrita, especialmente no caso da gramática. À medida que o mundo muda, e a fala (ou quase-fala, como no caso das mídias sociais e mensagens de texto) se torna mais dominante como meio de comunicação global, precisamos aprimorar nosso ato de incorporar o que sabemos sobre as variedades orais da língua.

Outra grande questão, no que me diz respeito, é: como profissionais da Linguística aplicada ultrapassam os muros das universidades e núcleos de pesquisa para se comunicarem com a comunidade em geral e pessoas fora dos grupos especializados? A linguagem desempenha um papel significativo na vida diária de todos e, no entanto, muito do que os linguistas aplicados dizem não vai além dos jornais, livros, conferências e redes que se apoiam e se reforçam mutuamente, correndo assim o risco do pensamento acadêmico se isolar da comunidade. Por exemplo, em questões relacionadas a gramática, a maioria das pessoas quer a garantia e segurança da prescrição, porque esse é o conceito de sucesso na gramática – conhecer e observar “as regras”. No entanto, em geral, os linguistas aplicados abandonaram a prescrição em favor da descrição. Precisamos de melhores maneiras de transmitir a mensagem descritiva sem alienar as diversas partes interessadas.

REVISTA MATRAGA: Dada a sua principal área de pesquisa, o que mudou no aprendizado e na comunicação na língua inglesa devido ao uso excessivo de mídias sociais como *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*, *Viber* e outros?

DAVID CRYSTAL: Online communication has had two main effects. It has opened up new opportunities for communication, such as hyperlinking, cutting-and-pasting, texting, and so on; and it has motivated a certain amount of language change – though not as much as some people initially thought. No new grammatical structures have entered English as a result of the Internet, and the amount of new vocabulary is small, compared to the size of the lexicon as a whole. Novelties such as text-messaging abbreviations (which many media commentators in the early 2000s thought were going to overwhelm the language) have turned out to be a minor feature of the medium. Orthography is the area where we see most novelty, with punctuation minimalism (omitting marks), maximalism (adding extras marks!!!!), and functional change (such as the use of the period as an emotive marker in short messaging). But the various settings have so far received only limited study, from a linguistic point of view, and studies of social media from a few years ago are already out-of-date because of the way these media have changed. To take just one example: when *Twitter* changed its prompt in 2009 from ‘What are you doing?’ to ‘What’s



happening?’ there were immediate linguistic consequences, with the use of 1st person pronouns and present tenses being supplemented by other pronouns and tenses, and a stylistic shift as the channel became more of a news reporting service.

TRAD.: A comunicação *on-line* teve dois efeitos principais. Abriu novas oportunidades de comunicação, como *hiperlinks*, recortar e colar, mensagens de texto e assim por diante; e isso tem motivado uma certa mudança na língua – embora nem tanto quanto algumas pessoas pensaram inicialmente. Nenhuma estrutura gramatical nova entrou na língua inglesa como resultado da *Internet*, e a quantidade de vocabulário novo é pequena, se comparada ao tamanho do léxico como um todo. Novidades como abreviações em mensagens de texto (que muitos comentaristas da mídia no início dos anos 2000 pensavam que iriam sobrecarregar a língua) acabaram sendo uma característica secundária do meio. A ortografia é a área onde vemos mais novidades, com pontuação minimalista (omissões de pontuação), exageros (acrescimento de pontuação extra !!!!!) e mudança funcional (como o uso do ponto final como um marcador emotivo em mensagens curtas). Mas os vários contextos até agora receberam apenas um número limitado de estudos, do ponto de vista linguístico, e os estudos dedicados à mídia social de alguns anos atrás já estão desatualizados devido à forma como essas mídias mudaram. Para dar um exemplo: quando o *Twitter* mudou seu *prompt* em 2009 de ‘O que você está fazendo?’ para ‘O que está acontecendo?’ houve consequências linguísticas imediatas, com o uso de pronomes de 1ª pessoa e tempos presentes sendo suplementados por outros pronomes e tempos verbais, e uma mudança estilística à medida que o canal se tornou mais como um serviço de reportagem.

MICHAEL McCARTHY: The growth of mobile devices has transformed people’s abilities and opportunities with regard to English language learning. Not least of these is the facility immediately to translate almost any language into any other on platforms such as Google and *Facebook*. The problem begins when people uncritically accept the translations offered, which, although generally impressive, can sometimes be bizarre and almost incoherent. So, one thing that could be done is to make online translation an element of language awareness training and to develop a critical stance in the face of the AI algorithms that rule social media. On the other hand, the exigencies of text messaging and *tweets* can be used to advantage in language teaching, for example in the teaching of spoken ellipsis (e.g. sending a simple text message saying ‘want to meet up tonight?’ instead of ‘Do you want to meet up tonight?’) or training oneself to express sophisticated ideas in a limited number of characters or words can be quite a useful skill for academic, professional and vocational contexts. Best of all is the ability to communicate in real time with people all around the world – a long chalk from the time when we would spend days trying to set up exchanges between schools or pen-friend relationships around the world! Social media can be a positive force for breaking down cultural barriers. They also offer a good opportunity to engage with views different to or opposite to one’s own, which is good for the development of critical thinking as an element of language learning, especially for those learning a language for academic, professional or vocational purposes.

TRAD.: O crescimento dos dispositivos móveis transformou as habilidades e oportunidades das pessoas no que diz respeito ao aprendizado da língua inglesa. Uma delas é a facilidade de

traduzir quase qualquer idioma para qualquer outro em plataformas como Google e *Facebook*. O problema começa quando as pessoas aceitam cegamente as traduções, que embora sejam geralmente impressionantes, podem às vezes ser bizarras e quase incoerentes. Portanto, uma coisa que poderia ser feita é transformar a tradução *on-line* em um elemento de treinamento de conscientização linguística e desenvolver uma postura crítica diante dos algoritmos de IA (*Inteligência Artificial*) que regem as mídias sociais. Por outro lado, as exigências de mensagens de texto e *tweets* podem ser usadas com vantagem no ensino de línguas, por exemplo, no ensino de elipses da fala (por exemplo, enviar uma mensagem de texto dizendo ‘quer encontrar hoje à noite?’ ao invés de “Você quer me encontrar hoje à noite?”) ou treinar uma pessoa para expressar ideias sofisticadas em um número reduzido de caracteres ou palavras pode ser uma habilidade bastante útil para os contextos acadêmico, profissional e vocacional. O melhor de tudo é a habilidade de se comunicar em tempo real com pessoas de todo o mundo – um longo avanço da época em que passávamos dias tentando estabelecer intercâmbio entre escolas ou relacionamentos por correspondência ao redor do mundo! A mídia social pode ser uma força positiva para quebrar as barreiras culturais. Elas também oferecem uma excelente oportunidade para se envolver com pontos de vista diferentes ou opostos aos seus, o que é bom para o desenvolvimento do pensamento crítico como um elemento de aprendizagem de línguas, especialmente para aqueles que estão aprendendo um idioma para fins acadêmicos, profissionais ou vocacionais.

REVISTA MATRAGA: Pensando na situação de pandemia, todos nós tivemos que fazer mudanças e fazer adaptações para acompanhar nosso dia a dia. Nesse contexto, qual tem sido o efeito da pandemia na linguagem?

DAVID CRYSTAL: This is another area where a new set of circumstances has motivated fresh research initiatives. The main effect of the pandemic on language has so far been limited but very noticeable – a huge increase in the frequency of specialised terms. *Lockdown*, for instance, has been in English since the early 19th century, but with negligible frequency – not any longer! And there has been a small explosion of playful neologisms, usually blends, such as *covidiot* (for someone not taking care) and *blursday* (based on *Thursday*, for uncertainty about which day of the week it is, when one has to stay at home every day). What is much more important is the growth in online communication using Zoom and similar platforms, where people have had to develop and cope with new strategies, such as the lack of simultaneous feedback while speaking – the vocalisations, gestures, and facial cues that make a face-to-face conversation successful. Without these, speakers are ‘on their own’, not knowing how their words are going down, and this I think accounts for the strain that many feel during a Zoom interaction, and the tiredness they feel at the end of it.

TRAD.: Esta é outra área em que um novo conjunto de circunstâncias motivou novas iniciativas de pesquisa. O principal efeito da pandemia na linguagem até agora tem sido limitado, mas muito perceptível – observa-se um grande aumento na frequência de uso de termos especializados. *Lockdown*, por exemplo, está presente na língua inglesa desde o início do século XIX,

mas com frequência de uso insignificante – não mais! E tem havido uma pequena explosão de neologismos lúdicos, geralmente misturas, como *covidiot* (para quem não se cuida) e *blursday* (na quinta-feira, para a incerteza sobre em que dia da semana é, quando é preciso ficar em casa todos os dias). O que é ainda mais importante é o crescimento da comunicação *on-line* usando o Zoom e as plataformas semelhantes, onde as pessoas tiveram que desenvolver e lidar com novas estratégias, como a falta de *feedback* simultâneo quando falam – as vocalizações, gestos e expressões faciais que fazem uma conversa face a face bem-sucedida. Sem isso, os falantes ficam “sozinhos”, sem saber como suas palavras estão sendo percebidas, e acredito que isso explica a tensão que muitos sentem durante uma interação via Zoom e o cansaço que sentem no final dela.

REVISTA MATRAGA: Pensando na situação de pandemia, todos nós tivemos que fazer mudanças e fazer adaptações para acompanhar nosso dia a dia. Nesse contexto, você acredita que o conceito de *World ou Global English (es)* foi enfatizado ou as diferenças foram destacadas, portanto, levando a um distanciamento linguístico ainda maior entre os falantes de língua inglesa?

MICHAEL McCARTHY: Again, there are downsides and upsides to the pandemic. The downsides include decisions to close national borders and drastically reduce international travel and opportunities for face-to-face contact or cultural exchange through overseas visits, etc. The move to online communication via platforms such as Zoom and Microsoft Teams also brings problems with it. It is much more difficult to comprehend speakers of a different variety of English over poor or unstable internet connections where not everyone has the same audio or video capabilities, as I know from my own recent online teaching of multi-national EAP groups. One result was to encourage my students to align more with British or North American pronunciation standards so they would be mutually comprehensible in class, something which I would probably not have needed to do in the more context-rich environment of the face-to-face classroom. That’s an example of a downside. On the upside, Zoom, Teams, etc. enable classes to be held for groups of students from around the world, who can share lessons with speakers of world Englishes without leaving their homes, and who can be exposed to varieties of English they may not have heard very much before. As always, it depends on the teacher’s resourcefulness and motivation to take advantage of the new medium of communication. The possibilities for international exchange of ideas and the creation of new relationships and friendships are a positive development. Not least, there is no need to enrol in a language school and to fly across the globe and live in a strange environment in order to attend classes. Also, for some learners, interacting online is less threatening and stressful than the more ‘public’ arena of the face-to-face classroom, and the very fact that they may be speaking to us from thousands of miles away can reinforce the notion of English as a global means of communication.

TRAD.: Mais uma vez, a pandemia apresenta desvantagens e vantagens. As desvantagens incluem decisões de fechar fronteiras nacionais e reduzir drasticamente as viagens internacionais e as oportunidades de contato face a face ou intercâmbio cultural por meio de visitas ao exterior, etc. A mudança para a comunicação *on-line* por meio de plataformas como *Zoom* e *Microsoft*



Teams também traz problemas. É muito mais difícil compreender falantes de uma variedade diferente de inglês em conexões de *internet* ruins ou instáveis, onde nem todos têm os mesmos recursos de áudio ou vídeo. Falo isso por minha experiência com minhas últimas aulas *on-line* com grupos multinacionais de EAP (*Inglês para fins acadêmicos*). Uma saída foi encorajar meus alunos a se alinharem mais com os padrões de pronúncia britânicos ou norte-americanos para que eles fossem mutuamente compreensíveis em sala de aula, algo que eu provavelmente não precisaria fazer no ambiente mais rico em contexto da interação face a face na sala de aula. Esse é um exemplo de desvantagem. Por outro lado, *Zoom*, *Teams*, etc. permitem que as aulas sejam ministradas para grupos de alunos de todo o mundo, que podem compartilhar lições com falantes de variedades de inglês do mundo inteiro (*World Englishes*) sem sair de casa, e podem ser expostos a variedades da língua inglesa às quais não têm muita familiaridade. Como sempre, depende da habilidade e motivação do professor para tirar proveito do novo meio de comunicação. As possibilidades de trocas internacionais de ideias, a criação de novos relacionamentos e amizades são positivas. Não menos importante é o fato de que, não há a necessidade de se matricular em uma escola de idiomas, voar pelo mundo e viver em um ambiente estranho para assistir aulas. Além disso, para alguns alunos, interagir *online* é menos ameaçador e menos estressante do que o ambiente mais “público” da sala de aula presencial, e o próprio fato de que eles podem estar falando conosco a milhares de quilômetros de distância pode reforçar a noção da língua inglesa como um meio de comunicação global.

REVISTA MATRAGA: Em relação à gramática da língua inglesa e ao desenvolvimento de vocabulário, o que sugeriria aos alunos que enfrentam dificuldades para avançar no aprendizado de língua?

MICHAEL McCARTHY: In terms of individual development, I think once again the answer lies in the exponential growth of online facilities for learning. However, a note of caution is advised. Research shows that YouTube grammar videos (of which there are hundreds), to say the least are of mixed quality and learners would be well-advised to stick to reliable sources such as the British Council, and, whatever you do, don't rely too much on the grammar-checker in your word processor – they can sometimes make some bizarre suggestions for ‘corrections’! In the case of vocabulary, use the excellent, free, online dictionaries provided by the major ELT publishers rather than just Googling a word. And don't forget that dictionaries are not just useful for looking up what words mean. Online dictionaries also enable you to hear pronunciation at the click of a mouse, and good online dictionaries give you example sentences, links to collocation, synonyms, etc.,

TRAD.: Em termos de desenvolvimento individual, acho mais uma vez que a resposta está no crescimento exponencial das facilidades *on-line* para aprendizagem. No entanto, deve-se ver isso com cautela. A pesquisa mostra que os vídeos de gramática do *YouTube* (existem vários) não são todos de boa qualidade (para dizer o mínimo) e os alunos deveriam ser orientados a se aterem a fontes confiáveis como o Conselho Britânico e, o que quer que faça, não confie muito no corretor gramatical em seu computador – às vezes eles podem fazer algumas sugestões bi-



zarras para ‘correções’! No caso de vocabulário, use os excelentes dicionários *on-line* gratuitos fornecidos pelas principais editoras de *ELT* em vez de apenas pesquisar uma palavra no Google. Não se esqueça de que os dicionários não são úteis apenas para pesquisar o significado das palavras. Os dicionários *on-line* também permitem que você ouça a pronúncia com um clique e bons dicionários *on-line* fornecem frases de exemplo, *links* para colocados, sinônimos, etc.

REVISTA MATRAGA: Do seu ponto de vista, quais serão os maiores desenvolvimentos na língua inglesa nas próximas décadas?

DAVID CRYSTAL: It’s never possible to predict the future, when it comes to language. Who would have thought, a year ago, that 2020’s ‘words of the year’ were going to be words like *self-isolate* and *lockdown*? Or, a decade ago, that there would be a new suffix in *English*, *-exit*? (Think *Frexit*, *Grexit*, and all the other coinages there have been over the past decade.) These are tiny details, but the same applies to bigger issues. Language reflects society, so any question about the future of language is actually a question about the way society (in the broadest sense, including politics, economics, religion, culture...) is going to change. Lacking any ability to answer that question, all I can say is that the two major trends of the moment will continue. Global English varieties will continue to develop and institutionalise (i.e. produce dictionaries, style manuals, literary works, and so on), and new varieties will emerge, especially in countries which have no colonial history of first or second-language English speaking (such as China, Mexico, Sweden – and Brazil). Literature is usually at the forefront of this development. Imagine a novel, short story, poem or play about, say, Carnival, but written in English – which will be Brazilian English because of all the cultural vocabulary and idiom, local to Brazil, that would not be encountered in other global varieties. Internet technology will also continue to grow, with largely unpredictable linguistic consequences – other, I suppose, than the expected growth in oral/aural transmission, and improved facilities in speech to text, text to speech, automatic translation, robot accents, and the like, which will undoubtedly lead to new areas of interest in teaching and research. At the moment the Internet is still a predominantly graphic medium: we type most of the time. But that will change.

TRAD.: Não é possível prever o futuro, quando se trata de língua. Quem teria pensado, um ano atrás, que as ‘palavras do ano’ de 2020 seriam palavras como auto-isolamento e *lockdown*? Ou, uma década atrás, que haveria um novo sufixo em inglês, *-exit*? (Pense em *Frexit*, *Grexit* e todas as outras palavras criadas que surgiram na última década.) Esses são pequenos detalhes, mas o mesmo se aplica a questões maiores. A língua reflete a sociedade, então, qualquer questão sobre o futuro da língua é na verdade uma questão sobre como a sociedade (no sentido mais amplo, incluindo política, economia, religião, cultura ...) vai mudar. Na falta de habilidade para responder a essa pergunta, tudo o que posso dizer é que as duas principais tendências do momento continuarão. Variedades globais da língua inglesa continuarão a se desenvolver e a se institucionalizar (ou seja, produzir dicionários, manuais de estilo, obras literárias e assim por diante), e novas variedades surgirão, especialmente em países que não têm história colonial da

língua inglesa como primeira ou segunda língua (como China, México, Suécia e Brasil). A literatura geralmente está na vanguarda desse desenvolvimento. Imagine um romance, conto, poema ou peça sobre, digamos, carnaval, mas escrito em inglês – o qual será o inglês brasileiro devido a todo vocabulário cultural e expressões idiomáticas específicos do Brasil, que não seriam encontrados em outras variedades globais. A tecnologia da *Internet* também continuará a crescer, implicando em consequências linguísticas amplamente imprevisíveis – outras, suponho, mais que o esperado crescimento na transmissão oral / auditiva e recursos aprimorados de fala para texto, texto para fala, tradução automática, sotaques de robô e afins, o que, sem dúvida, conduzirá a novas áreas de interesse no ensino e na pesquisa. No momento, a *Internet* ainda é um meio predominantemente gráfico: digitamos na maioria das vezes. Porém, isso vai mudar.

MICHAEL McCARTHY: There will definitely be a continued growth in online learning, and we will all have to adapt to it, especially in our materials. Already, courses of which I am co-author (*Touchstone, Viewpoint*) have full online versions and sales of these already outstrip the print versions. But what I have learnt is that transferring materials for use in online teaching demands much more than just producing pdf files and PowerPoint presentations – a complete re-think is required. The best results for me personally have been to flip the classroom and to give students rich input in the form of pre-class materials and tasks so that the online class can take maximum advantage of the precious time online. Realistically, one can never get through as much online as in a face-to-face class (colleagues have estimated between 60-70% maximum of normal coverage of the material), so the online time is best used for interaction, pair- and group-work and class discussion based on the work done before the class. This does mean that pre-class materials must be crystal clear and straightforward so that students are not demotivated by working alone without the support they might get from teachers and peers in face-to-face classrooms.

Equally, we will see a greater presence of artificial intelligence in the design and delivery of teaching and assessment. Automated marking of essays, automated feedback and adaptive learning systems, where the machine ‘gets to know you’ and delivers custom-made input just for you will mean that more independent learning will become possible. But in case you think I’m suggesting we, as teachers, will become redundant, I do believe we will always be centre-stage, and we will be able to devote more time to what we as humans are best at: empathy, collaboration, support, motivation, enjoyment, all of which enrich the language learning experience in ways that machines (so far) cannot. That’s how we should use the time spent together with our students: let the machine do what it is good at, and let us do what we are good at.

TRAD.: Definitivamente, haverá um crescimento contínuo no aprendizado *online* e todos teremos que nos adaptar a ele, especialmente em nossos materiais didáticos. Já, cursos dos quais sou co-autor (*Touchstone, Viewpoint*) têm versões *on-line* completas e as vendas destes já superam as versões impressas. Mas o que aprendi é que a transferência de materiais para uso no ensino *on-line* exige muito mais do que apenas produzir arquivos PDF e apresentações em *PowerPoint* – é necessário repensar completamente. Os melhores resultados para mim, pessoalmente, foram mudar o formato das aulas oferecendo aos alunos uma contribuição significativa



na forma de materiais e tarefas pré-aula, para que assim, no contexto da aula *on-line*, possamos aproveitar ao máximo o precioso tempo *on-line*. Realisticamente, nunca conseguimos usar o tempo *online* com a mesma eficácia que uma aula presencial (colegas estimam que cobrimos entre 60-70% do material), então o tempo *on-line* é melhor aproveitado para interações, trabalho em dupla e em grupo, e para discussões com base no trabalho realizado antes da aula. Isso sugere que os materiais da pré-aula devem ser claros e diretos, para que os alunos não sejam desmotivados enquanto trabalhando sozinhos, sem o apoio que receberiam dos professores e dos colegas em sala de aula presencial.

Da mesma forma, veremos uma maior presença de inteligência artificial na elaboração, na prática de ensino, e na avaliação. A correção automatizada de redações, *feedback* automatizado e sistemas de aprendizagem adaptativos, onde a máquina “conhece você” e fornece informações personalizadas para você, significa que uma aprendizagem mais independente se tornará possível. Mas caso você ache que estou sugerindo que nós, como professores, nos tornaremos redundantes, acredito que sempre estaremos no centro do processo e seremos capazes de dedicar mais tempo ao que nós, como humanos, fazemos de melhor: empatia, colaboração, suporte, motivação, prazer, todos os quais enriquecem a experiência de aprendizagem de línguas de uma forma que as máquinas (até agora) não podem. É assim que devemos usar o tempo que passamos juntos com nossos alunos: deixe a máquina fazer o que ela faz bem e deixe-nos fazer o que fazemos bem.

REVISTA MATRAGA: Que conselho você daria a universitários brasileiros que estão iniciando suas carreiras em Linguística ou Linguística Aplicada?

MICHAEL McCARTHY: Ask yourself what things in life interest you most. This doesn't have to be your college subject or discipline – it could be anything, a sport, a type of music, a hobby, a favourite type of book or film, hiking, cycling, photography – what matters is that you are interested in it and keen to know more, and you will find that if you pursue your particular interest through English rather than Portuguese, quite magically, not only will your knowledge of your special interest grow and not only will you learn more English to talk about and engage with that special interest, but your English overall, your general proficiency, will increase too. It always works. When I lived in Sweden, I read everything about photography in Swedish, because that was my personal interest, and I know it helped my Swedish enormously.

TRAD.: Pergunte a si mesmo o que mais lhe interessa na vida. Não precisa ser seu curso na universidade ou uma disciplina específica – pode ser qualquer coisa, um esporte, um tipo de música, um hobby, um tipo de livro ou filme favorito, caminhada, ciclismo, fotografia – o que importa é o que você está interessado e ansioso para saber mais, e você descobrirá que se perseguir seu interesse através da língua inglesa ao invés do português, magicamente, não apenas seu conhecimento da coisa especial que te interessa crescerá e não apenas você aprenderá mais inglês para falar e se envolver com esse interesse especial, mas seu inglês de forma geral e sua proficiência também aumentarão. Sempre funciona. Quando morei na Suécia, li tudo sobre fo-



tografia em sueco, porque esse era o meu interesse pessoal, e sei que isso ajudou enormemente meu sueco.

DAVID CRYSTAL: Take a moment to reflect deeply on the fact that linguistics is the most insightful way of studying language. Thanks to its objective, systematic, and comprehensive approach, it gives us ways of talking about language that are precise and internationally recognised, and research procedures that are reliable and replicable, allowing us to arrive at conclusions that can be stated with confidence. The findings can then be used by non-linguists for the investigation and solution of a wide range of problems where language plays a part in their daily lives – a process that is the motivation for the field of applied linguistics. It also provides answers to many of the questions about language that are asked out of simple curiosity by people from all walks of life – questions about child language acquisition, accents and dialects, the names of people and places, and indeed any of the topics that are encountered in English language teaching. We might sum this all up by saying, as people often do, that linguistics is the science of language, as long as we remember that language means languages – all 6000+ of them (and not forgetting the indigenous languages of Brazil) – and don't interpret this to mean that linguists have no interest in the aesthetic and artistic areas of language use (as seen for example in literary stylistics).

Also, take pains to be original – which means: start collecting. Keep a sharp eye and ear open for examples of usage in your own local world – your family, friends, school, shops, streets, social media... or if you go on holiday (in a post-pandemic world!). Start noticing things and writing them down – or taking a photo of them. It's all so much easier these days, with modern technology, than when I started out doing exactly that. Most of the sidebars in my *Cambridge Encyclopedia of Language* and *Cambridge Encyclopedia of the English Language* began as casual observations. Indeed, once I wrote a whole book in that way. It was called *By Hook or by Crook*, and its subtitle was *A Journey in Search of English*. I wandered around Wales and nearby parts of England and recorded what I saw and heard. Tourist linguistics, one might call it! It was an interesting literary exercise too. Normally, when I write a book, I have a pretty clear vision of the beginning, the middle, and the end. I might even write a synopsis of the whole thing in advance, to show to a publisher. But with that book I had no idea, when I ended Chapter 1, what was going to happen in Chapter 2, because I hadn't been there yet! And so it was for the whole book. Well, students are not writing a book, but they are going to write essays, do projects, and answer exam questions which cry out for original ideas. And there's nothing impresses an examiner more (so they tell me) than reading something in an answer that they've never seen before. (As long as it's relevant to the question, of course!)

TRAD.: Reserve um momento para refletir profundamente sobre o fato de que a linguística é a forma mais criteriosa para se estudar a linguagem. Graças ao seu enfoque objetivo, sistemático e abrangente, nos dá ferramentas para falarmos da linguagem de forma precisa e internacionalmente reconhecida, e de procedimentos de pesquisa confiáveis e replicáveis, que nos permite chegar a conclusões que podem ser declaradas com segurança. Os resultados podem então ser usados por não linguistas para a investigação e solução de uma ampla gama de problemas em



que a linguagem desempenha um papel em suas vidas diárias – um processo que é a motivação para o campo da linguística aplicada. Ela também fornece respostas para muitas das perguntas sobre a linguagem que são feitas por simples curiosidade, por qualquer pessoa – perguntas sobre a aquisição de língua infantil, sotaques e dialetos, os nomes de pessoas e lugares e, na verdade, qualquer um dos tópicos que são encontrados no ensino da língua inglesa. Podemos resumir tudo isso dizendo, como a maioria das pessoas costumam fazer, que a linguística é a ciência da linguagem, contanto que nos lembremos que língua significa línguaS – todas as mais de 6000 (sem esquecer das línguas indígenas do Brasil) – e não interprete isso como um sinal de que os linguistas não têm interesse nas áreas estéticas e artísticas do uso da linguagem (como visto por exemplo, em estilística literária).

Além disso, esforce-se para ser original – o que significa: comece a coletar dados. Fique atento a exemplos de uso em sua própria comunidade local – sua família, amigos, escola, lojas, ruas, mídia social ... ou se você sair de férias (em um mundo pós-pandêmico!). Comece a observar as coisas e anote-as – ou tire uma foto. É muito mais fácil hoje em dia, com a tecnologia moderna, do que quando comecei fazendo exatamente isso. A maioria das anotações em minha *Cambridge Encyclopedia of Language* e *Cambridge Encyclopedia of the English Language* começou com observações casuais. Na verdade, uma vez escrevi um livro inteiro dessa forma. Intitulado *By Hook or by Crook*, e seu subtítulo era *A Journey in Search of English*. Eu vaguei pelo País de Gales e partes da Inglaterra e registrei o que vi e ouvi. Linguística turística, pode-se dizer! Foi um exercício literário interessante também. Normalmente, quando escrevo um livro, tenho uma visão bastante clara do início, do meio e do fim. Posso até escrever uma sinopse de tudo com antecedência, para mostrar a uma editora. Mas com aquele livro eu não tinha ideia, quando terminei o Capítulo 1, não sabia o que iria acontecer no Capítulo 2, porque eu ainda não tinha estado lá! E assim foi durante todo o livro. Bem, os alunos não estão escrevendo um livro, mas eles vão escrever ensaios, fazer projetos e responder a perguntas de exames que exigem ideias originais. E não há nada que impressione mais um professor (assim eles me dizem) do que ler algo em uma resposta que eles nunca viram antes. (Contanto que seja relevante para a pergunta, é claro!)